



2 - A SÍNTESE MARX-FREUD, SEGUNDO FROMM

O pressuposto fundamental da ética humanista diz que normas racionais e objetivas de conduta podem ser formuladas, desde que se conheça a natureza humana. Logo, a natureza humana, conhecida e determinada pela razão, é a base da ética humanista. Em Fromm, a resposta pela pergunta sobre a natureza humana nos é dada por sua teoria antropológica da existência humana, elaboração "pessoal" de Fromm, possibilitada, de algum modo, por sua tentativa de síntese das teorias de Marx e Freud.

Ainda que Fromm venha a afirmar que tenha permanecido fiel à sua síntese Marx-Freud, ideal de sua juventude, entendemos que o que ele considera síntese é muito mais um evidente sincretismo, onde os conceitos centrais à psicanálise e ao marxismo foram, na maioria das vezes, esvaziados de seu conteúdo original ou adulterados por interpretações a gosto do seu autor ou da sociedade americana.

Para A. Ponaino, é da amálgama de três dimensões - marxismo, política e religião - amassados com fatores psicológicos e sociais que Fromm constrói o modelo de sua antropo-



pologia.¹ Este depoimento, extraído de sua crítica filosófica sobre Erich Fromm, vem corroborar nossa hipótese de trabalho, ou seja, a pressuposição de que a proposta ética frommiana se funda num "sincretismo antropológico". Na análise do seu pensamento encontramos os elementos teóricos, mais heterogêneos, advindos das mais variadas fontes. Mas, mesmo assim, a antropologia frommiana resulta, predominantemente, do esforço por estabelecer o enlaçamento entre a psicanálise e o materialismo histórico.

Por esta razão, antes de apresentarmos a antropologia filosófica de Fromm, julgamos pertinente verificar o resultado da síntese Marx-Freud segundo a "operação frommiana" tal como nos é dada a conhecer nas obras pertencentes à segunda fase de sua vida intelectual na América. Este capítulo nos permitirá avaliar, em parte, a interpretação frommiana de Freud e Marx, e a influência decisiva destas teorias na sua concepção antropológica-filosófica da existência humana. Dizemos em parte, porque não é fácil, no "sincretismo frommiano", precisar o defasamento teórico que o distancia de Marx e Freud, nem tão pouco apreciar o grau de influência destes e de tantos outros como, também dizer da originalidade, se é que se pode falar dela em relação à teoria antropológica elaborada por Fromm.

2.1 - Os pontos comuns aos dois sistemas

Fromm justifica o interesse pela psicanálise e o marxismo com as palavras: "meu interesse estava claramente delineado: queria compreender as leis que governa a vida do homem individual e as leis da sociedade ou seja, do homem em

Pereira Niehues, A. R., 1981: Ética Humanista. A proposta ética de Erich Fromm e seu fundamento antropológico-filosófico, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 1981, 173 pp.



sua existência social".²

Como já vimos, a articulação psicanálise e materialismo histórico, em termos programáticos, já fora apresentada por Fromm em 1932, quando membro da Escola de Frankfurt e, dois anos antes, concretamente, no ensaio "O Dogma de Cristo". Vimos também que esta articulação foi incentivada no período em que Horkheimer dirigiu a Escola. Outros nomes, ligados ao Instituto de Frankfurt, também se tornaram famosos com suas teorias, perseguindo o mesmo objetivo: Wilhelm Reich, de quem Fromm foi discípulo no Instituto de Berlim e Herbert Marcuse. Embora empenhados no mesmo objetivo de síntese, percorreram caminhos diferentes, se comparados ao de Erich Fromm.

O resultado final da "síntese frommiana" psicanálise-materialismo histórico é, em parte, produto das influências culturais que Fromm sofreu após sua chegada à América. Em relação à Psicanálise, Erich Fromm juntamente com Karen Horney e Harry Stack Sullivan foram os responsáveis imediatos pelo aparecimento da "Escola Cultural neopsicanalítica" que se desenvolveu nos Estados Unidos na década de trinta. Embora discordem sob muitos aspectos, o ponto que une os neofreudianos é sua orientação sócio-filosófica que, conforme V. I. Dóbrenkov, pode ser entendida num sentido estreito ou amplo:

" Num sentido estreito, o 'sociologismo' do neofreudismo consiste em que todos os seus representantes colocam a origem dos distúrbios psíquicos e o desenvolvimento psíquico do homem em geral na dependência da influência do ambiente social.(...) Num sentido amplo o 'sociologismo' do neofreudismo se manifesta no fato de surgir, em seus limites, uma teoria sócio-filosófica geral que do ponto de vista psicológico tenta ex-



plicar as forças motrizes e a marcha ascendente do desenvolvimento social".³

Já em relação ao marxismo, o distanciamento de Erich Fromm parece ter-se manifestado já, em divergências com colegas, quando membro da Escola de Frankfurt. As dúvidas quanto à fidelidade de Fromm ao marxismo parecem ser as mesmas que pairam sobre toda a Escola. Mas, em relação a Fromm, um fato é evidente e notório: da articulação Marx-Freud, programada em seu artigo de 1932 "Método e função de uma Psicologia Social Analítica" - não restam, na década de quarenta em diante, senão vestígios.

Em 1961, publicou-se em Nova Torque, a primeira versão norte-americana dos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844 de Karl Marx, que veio precedida pelo "Conceito Marxista do Homem" de Erich Fromm. Por essas páginas se reconhece o esforço de Fromm para tornar Marx conhecido e aceito na América.

Mas, "é difícil dizer até que ponto Fromm é marxista ou marxiano, porque o certo é que Fromm não é mais que ele mesmo, ainda que também seja muitas outras coisas. É indubitável que Fromm deve a Marx algumas de suas idéias básicas. Em primeiro lugar, sua visão global de história. Em segundo lugar, a mesma noção de caráter social que, tanto em Reich como em Fromm, não é mais que a versão psicológica do 'homem como conjunto de relações sociais'. Mas o que acaba por fascinar definitivamente Fromm é o humanismo de Marx".⁴

Parece-nos que Fromm não conseguiu, numa perspectiva autenticamente científica, levar a efeito seu ambicioso projeto freudo-marxista dos anos trinta. Na medida em que seu ecletismo foi assimilando mais e mais influências, Fromm não só adentrou-se pelos meandros do revisionismo neopsicanalítico, como também desviou-se da perspectiva marxista, ficando apenas com o "Marx Jovem" - humanista e ético.



Pois bem, o resultado final da articulação marxismo e psicanálise, "revisionados" pela ótica frommiana, não podia ser outro que o da identificação, sempre possível, de algumas "idéias comuns" a dois sistemas, cujo centro é o homem.

Em seu livro "Meu Encontro com Marx e Freud" apresenta o resultado final da articulação psicanálise-marxismo, começando por destacar o que ele chama de "terreno comum" aos dois pensadores. Diz que as premissas fundamentais que constituem, em ambos, "solo comum", podem ser resumidas em três idéias chaves, a saber:

- "Deve-se duvidar de tudo";
- "A verdade vos fará livres";
- "Nada do que é humano me é indiferente".⁵

Com a primeira máxima, Fromm se refere ao "espírito crítico" de Marx e Freud:

" A atitude observadora, cética, de dúvida, em relação a todas as ideologias, idéias e idéias, é característica de Marx. (...) Freud raciocinava com o mesmo 'espírito crítico'. Todo o seu método psicanalítico pode ser considerado como 'a arte de duvidar'. Impressionado com experiências hipnóticas que demonstravam como a pessoa em transe pode acreditar na realidade daquilo que é evidentemente irreal, ele descobriu que a maioria das idéias das pessoas que estão em transe, também não corresponde à realidade, e, que, por outro lado, a maior parte do que é real não é consciente.⁶

Do espírito crítico e o consequente ceticismo de Marx e Freud em relação ao "pensamento comum", Fromm, enfatiza a crença de ambos na "força libertadora da verdade". Diz ele:

"A suposição implícita na 'arma da verdade' de Marx é a mesma de Freud: que o homem vive com as ilusões porque tornam suportável a meséria da vida real. Se o homem puder reconhecê-las pelo que são, ou seja, se puder



despertar do estado de semi sonho, então ele adquirirá consciência de sua força e capacidade, e modificará a realidade de modo a tornar desnecessárias as ilusões. A 'falsa consciência', ou seja, a imagem deformada da realidade, enfraquece o homem. O contato com a realidade, o conhecimento de sua imagem verdadeira torna-o mais forte. Por isso, Marx acreditava que sua arma mais importante era a verdade, a revelação da realidade que se oculta sob ilusões e ideologias".⁷

A ênfase de Fromm em relação à "força da verdade", coincidente nos dois sistemas, é parcialmente verdadeira. Entendemos que aquilo que Fromm chama de "arma da verdade" tem, nas mãos de Freud e Marx, sentido bem diverso. Enquanto, o primeiro está preocupado com mudanças individuais através da terapia e, os objetivos terapêuticos em Freud nunca foram por ele suficientemente esclarecidos; para Marx, a "arma da verdade", enquanto análise da ideologia, é o ponto de partida de uma análise da realidade social como um todo, visando mudanças profundas e radicais. A desmistificação ideológica, enquanto elemento de análise e enquanto "praxis", é apenas o primeiro passo. A análise dialética que Marx faz da realidade, leva-o a crer na força revolucionária engendrada pelos antagonismos de classe. A dialética do movimento histórico se dá, essencialmente, através das classes e não dos indivíduos, como entende Fromm. As classes burguesa e proletária são o suporte do progresso histórico num determinado grau de evolução da sociedade:

"... a nossa época, a época da burguesia, possui uma característica distintiva: simplificou os antagonismos de classe. A sociedade global divide-se cada vez em dois campos hostis, em duas grandes classes diretamente opostas entre si: burguesia e o proletariado".⁸

Mesmo reconhecendo que o "Manifesto Comunista" encer

ra, de forma breve e brilhante, uma análise lúcida da história, da influência dos fatores econômicos e das relações de classe, Fromm parece dar mais ênfase a sua avaliação do Manifesto como "um panfleto político que termina com um caloroso apelo emocional às classes trabalhadoras".⁹

Há, em Fromm, um explícito menosprezo em relação à "prática revolucionária" do marxismo. Mesmo considerando as teorias de Marx e Freud como "revolucionárias" parece esquecer que, em relação ao primeiro, o movimento revolucionário tem sua força nas condições materiais determinadas pelo estado burguês. Já nos Manuscrito Marx afirmava: "É fácil ver a necessidade de que todo movimento revolucionário encontre sua base, tanto empírica como teórica, no movimento da propriedade privada, na Economia".¹⁰

Contudo, Fromm tem lucidez bastante para não identificar o ideal de Marx com o que se concretizou na Rússia e na China. Diz que, na verdade, a Rússia implantou um capitalismo de Estado conservador e não o socialismo marxista e que, com a China, não apenas negam as metas do socialismo apregoado por Marx mas que, ambos, sob a falsa aparência de realizarem a proposta marxista, dela se utilizam para recomendar-se aos povos da Ásia e da África.¹¹

O que temos sentido em relação à interpretação de Fromm do pensamento de Marx, tem sido o alvo das críticas de muitos marxistas em relação a Erich Fromm. Carlos Astrada, por exemplo, critica o trabalho "Conceito Marxista de Homem" de Erich Fromm por amputar toda a doutrina revolucionária de Marx, que "Fromm apresenta como um socialista ético e humanitário, preocupado com o homem genérico, sem nexos algum com a



subjetividade. Superar no homem genérico a alienação moral seria essencialmente o que Marx se propõe".¹²

Finalmente, com a máxima de Terêncio: "nada do que é humano me é estranho", Fromm identifica o terceiro elemento comum aos sistemas de Freud e Marx - o "humanismo", no sentido de que todo o homem representa a humanidade; o humanismo da tradição judaico-cristã e greco-romana que reingressou na história europeia, mais precisamente com a Renascença, e se desenvolveu plenamente nos séculos XVIII e XIX com seu ideal de realização do homem total, universal.

A sensibilidade humanista de Fromm cujas raízes se encontram na sua formação religiosa, foi reforçada ao longo de sua vida por duras experiências. Estas, ao invés de terem desenvolvido nele uma atitude cética e amargurada, conseguiram aguçar cada vez mais, um espírito humanista universal, sem fronteiras e sem limites.¹³

Finalizando essas considerações sobre os pontos comuns aos dois sistemas, podemos dizer que - a dúvida em relação ao que está "naturalmente" estabelecido e é aceito pelo senso comum, a crença no poder transformador da verdade e o humanismo - mais que três elos comuns, são, para Fromm, os alicerces básicos sobre os quais constrói seu edifício freudo-marxista na segunda fase de sua vida intelectual.

Fromm está, cada vez mais, voltado para os seus propósitos ético-humanistas e, movido por uma espécie de "ecumenismo religioso-científico", não estabelece mais as distinções fundamentais das abordagens de Freud e Marx. Ao contrário, considera ambas como "abordagens dinâmica e dialética da



realidade" e, conclui suas considerações sobre "as premissas fundamentais comuns a ambos os pensadores"¹⁴ dizendo que:

"Freud foi um reformador liberal; Marx um revolucionário radical. Embora diferentes, eles têm, em comum, um desejo incondicional de libertar o homem, uma fé igualmente incondicional na verdade, como instrumento de libertação, e a convicção de que a condição disso está na capacidade do homem romper as cadeias da ilusão".¹⁵

2.2 - Fundamentos da Antropologia Frommiana

Embora a antropologia frommiana seja devedora de idéias e conceitos a inúmeros pensadores que podem ser chamados de "humanistas" no sentido mais lato e vulgar do termo é, em Freud e Marx que está o ponto de referência mais imediato para entendermos sua concepção de homem. Por esta razão, abordaremos as interpretações frommianas do conceito de homem e sua natureza em Freud e Marx e a síntese final como nos é dada a conhecer na "concepção antropológico-filosófica da existência humana".

Em inúmeras passagens de seus escritos, atestamos a admiração e reconhecimento que Fromm sente para com Freud e Marx. Diz que "juntamente com Einstein, eles foram arquitetos da era moderna"¹⁶ mas, ao mesmo tempo, os aprecia diferentemente, dizendo que "considera Marx, um pensador de maior profundidade que Freud;"¹⁷ aquele um "revolucionário radical" e este um "reformador liberal".¹⁸

A admiração condicionada e crítica em relação a Freud nem por isso deixa de ser admiração: "se bem que Freud não possa ser considerado um "radical", mesmo no significado político mais amplo da palavra - ele foi, de fato, um típico



liberal com fortes características conservadoras - a sua teoria é indiscutivelmente radical".¹⁹ Fromm chama a atenção para o fato de que só é possível compreender a grandeza do pensamento de Freud, se virmos a ele e a sua obra, em suas contradições fundamentais, se tivermos em mente os fatores que o condicionaram numa época e sociedade determinadas. Seu último trabalho sobre Freud se intitula, apropriadamente, "Grandeza e Limitações do Pensamento de Freud" (1979). Mas, já vimos que o "terreno comum" no qual Fromm faz a equivalência dos dois pensadores é o "humanismo". Enquanto o humanismo de Freud se expressa na sua descoberta do inconsciente e na defesa dos impulsos naturais do homem contra a força da conservação social, Marx protesta contra a ordem social mesma que aliena o homem.²⁰

Até onde vai a identificação deste humanismo é o que passaremos a verificar. Diz Fromm:

"É fato sabido que todos os homens têm as mesmas características anatômicas e fisiológicas básicas, e nenhum médico se consideraria impossibilitado de tratar qualquer homem, a despeito de raça e cor, pelos mesmos métodos que implica aos homens de sua própria raça. Mas terão os homens também em comum, a mesma organização psíquica, a mesma natureza humana? Haverá uma entidade como a 'natureza humana'? ²¹

A tão complexo problema Fromm responde, simplesmente, que a totalidade do conceito de humanidade e humanismo baseia-se na idéia de uma natureza humana comum a todos os homens. Que é premissa do pensamento budista e judaico-cristão, que é postulada da filosofia spinoziana, que era crença de filósofos do século XVIII e XIX, de Goethe e Herder, de Marx e Freud.²²

Excetuando Freud e Marx dos quais interpreta, a seu modo, o conceito de homem e sua natureza, Fromm não precisa o que ele próprio entende pelo conceito de natureza humana, antes passa a utilizar, de maneira vaga e ambígua, o que, sem dúvida, é uma das noções mais centrais de sua antropologia.

2.2.1 - A visão frommiana do homem em Freud

A interpretação frommiana da antropologia de Freud se encontra em referências esparsas ao longo de sua obra. É no artigo "O Modelo freudiano de homem e suas determinantes sociais", apresentado no Terceiro Fórum Internacional de Psicanálise, realizado no México em agosto de 1969, que aborda mais especificamente este tema.

Abre o artigo, lembrando que Freud foi um crítico liberal da sociedade burguesa, no sentido em que os reformadores liberais eram críticos; que nunca foi um crítico radical da sociedade capitalista - não contestou suas bases sócio-econômicas nem criticou suas ideologias - com exceção das que diziam respeito à sexualidade. Que seu conceito de homem é reflexo da filosofia de humanismo e iluminismo:

"Parte do pressuposto da existência do homem como tal-um homem universal, não só o homem tal como se manifesta nas várias culturas mas alguém a respeito de cuja estrutura enuncia - dos geralmente válidos e empíricos podem ser formulados. Freud, tal como Spinoza antes dele construiu um 'modelo de natureza humana', na base do qual não só as neuroses mas todos os aspectos, possibilidades e necessidades fundamentais do homem podem se explicados e entendidos".²³

Influenciado pelo materialismo do século XIX, Freud



"foi incapaz de conceber a existência de fortes poderes físicos dos quais não se pudesse demonstrar que tinham raízes fisiológicas específicas".²⁴

O homem freudiano, diz Fromm, é concebido como uma "máquina", um sistema fechado movido por duas forças: a auto-preservação e a energia sexual chamada "libido". Esta, tem suas raízes em processos quimiofisiológicos que se desenrolam segundo um padrão físico. Na primeira fase a libido provoca tensão penosa; reduzida a tensão pelo ato de libertação ocorre o "prazer". Ao dinamismo que leva da tensão à redução e novamente à tensão, Freud chamou de "princípio de prazer" em oposição ao "princípio de realidade" que diz ao homem o que evitar no mundo real onde vive, para garantir-lhe a sobrevivência.

O homem, segundo Freud, é primordialmente um ser isolado e egoísta cujo interesse é a satisfação do seu ego e do seu interesse libidinal. É um ser social por contigência, isto porque necessita de outras pessoas para satisfação de seus impulsos libidinais, como também para sua auto-preservação.

Fromm compara o homem freudiano ao homem econômico clássico:

"O homo sexualis de Freud é uma variante do homo economicus classico. É o homem isolado, auto-suficiente, que tem de entrar em relações com os outros para que possam satisfazer mutuamente as suas necessidades. O homo economicus tem, simplesmente, necessidades económicas que encontram sua satisfação mútua na troca de bens no mercado de produtos. As necessidades do homo sexualis são fisiológicas e libidinais e normalmente, são satisfeitas pelas relações entre os sexos".²⁵



O espírito economicista da época ainda se reflete na teoria freudiana da libido, diz Fromm, porque se baseia no conceito de escassez. A sensualidade não é vista por Freud como um fenômeno de abundância mas, pelo contrário, parte do princípio de que todos os impulsos humanos só são satisfeitos pela necessidade de eliminar desagradáveis tensões. Mas, continua Fromm "apesar de suas determinantes sociais, a teoria freudiana dos impulsos continua sendo uma contribuição fundamental para o modelo de homem".²⁶

O modelo freudiano de homem, fisiologicamente motivado e impulsionado, sofre mudanças a partir de 1920. Nesta nova fase do seu pensamento, Freud, em vez da oposição entre Ego e os impulsos libidinais, passa a falar no conflito básico entre "instintos de vida" (eros) e "instintos de morte".

Os "instintos de vida", abrangendo o ego e os impulsos sexuais, opõem-se ao "instinto de morte", fonte da destrutividade humana. O novo conceito de impulso não só indica nova maneira de pensar de Freud como determina mudanças na sua concepção de Homem e seu destino.

"Na nova teoria, a destrutibilidade passa a ser rival dos impulsos da libido e do ego, acabando por sair vitoriosa sobre esses impulsos. O homem não pode reprimir seu desejo de destruir, pois a tendência destrutiva está enraizada em sua constituição biológica. Embora possa mitigar essa tendência até certo ponto, jamais pode privá-la de sua potência. As alternativas do homem consistem em dirigir o seu instinto de destruição contra si próprio ou contra o mundo externo, mas não tem probababilidade alguma de libertar-se desse trágico dilema".²⁷

Por fim, Fromm salienta como aspecto mais original do modelo freudiano de homem, a ênfase que confere "à dialéti



tica da racionalidade e irracionalidade do homem".²⁸ Mesmo sendo racionalista, acreditando no poder da razão e na força da vontade, Freud acabou por descobrir o inconsciente, domínio da irracionalidade humana. Muitos, é certo, antes dele fizeram referência aos processos inconscientes mas, coube a ele, fazer dessa descoberta, o centro de seu sistema psicológico - a psicanálise. Diz Fromm:

"Não há realmente em Freud descoberta mais fundamental do que o inconsciente. A psicanálise pode ser definida como o sistema que baseado na suposição de que reprimimos a consciência das experiências mais significativas; que o conflito entre a realidade inconsciente dentro de nós e a negativa dessa realidade em nossa inconsciência freqüentemente leva à neurose; e que tornando o inconsciente consciente, o sintoma neurótico, ou traço de caráter, pode ser curado".²⁹

Da descoberta do inconsciente, apesar de ter sido restringida pelo pressuposto de que o que é reprimido é a consciência dos impulsos sexuais, Fromm tira como consequências mais importantes primeiro, o fato de Freud ter lidado com a discrepância entre pensar e ser.

"A descoberta de Freud foi que o que pensamos não é necessariamente idêntico ao que somos; que aquilo que uma pessoa pensa de si pode ser e, de fato, usualmente é muito diferente ou até pode estar em completa contradição com o que realmente é; que a maioria das pessoas vive num mundo de auto-sugestão, em que aceitamos os nossos pensamentos como se representassem a realidade".³⁰

Com esta descoberta, possibilitada pela teoria do inconsciente, Freud, não só abalou o fundamento do racionalismo ao qual pertencia, como também as formas mais estritas de idealismo filosófico.

Fromm realça ainda, como consequência mais impor -

tante do inconsciente, o extraordinário alcance da descoberta no campo ético.³¹ Ao analisar o modelo freudiano de homem pergunta, explicitamente, se Freud reconheceu o fator moral como parte fundamental do seu modelo de homem e, nos diz, que a resposta a essa interrogação é negativa. Que o homem de Freud desenvolve-se exclusivamente sob a influência do egoísmo; que o problema moral, que consistia tradicionalmente no conflito entre altruísmo e egoísmo desapareceu de suas considerações.³²

Para Fromm, a descoberta da motivação inconsciente trouxe um elemento indispensável para o desenvolvimento de qualquer teoria ética, pois, graças ao inconsciente, podemos descobrir o verdadeiro significado da conduta humana. Mas, diz Fromm, as tentativas de aplicação das descobertas da psicanálise ao desenvolvimento da teoria ética são escassas, tanto no domínio filosófico como no psicológico.³³ E sua denúncia vai mais longe ao afirmar que, apesar da relevante contribuição do papel do inconsciente na "denúncia dos juízos éticos irracionais", Freud e sua Escola acabaram por assumir um posição relativista prejudicial ao desenvolvimento da ética e da própria psicologia.³⁴

Outra importante consequência da descoberta freudiana do inconsciente, assinalada por Fromm, é a sua dimensão crítica, comparável com a teoria de Marx.³⁵ Por todas estas razões, Fromm elegeu a descoberta freudiana do inconsciente como a expressão máxima do humanismo de Freud.

Dessas importantes consequências, segundo Fromm, o ponto que queremos ressaltar é, mais uma vez, a mirada ético-humanista de Fromm em relação à concepção de homem e sua natureza em Freud. A priorização desta perspectiva tem levado

Erich Fromm a uma operação seletiva em relação às suas fontes teóricas, bem como a uma interpretação totalmente subjetiva das mesmas. Analisemos, por exemplo, algumas de suas considerações do modelo freudiano de homem.

Em primeiro lugar, nos parece sensato ter em conta o contexto sócio cultural no qual Freud desenvolveu sua concepção de homem. Mas, de saída, Fromm afirma que Freud parte "do pressuposto do homem como tal - um homem universal ... tal como Spinoza, antes dele, construiu um "modelo de natureza humana". E, sem mais, Fromm encaixa Freud entre os defensores da "natureza humana". Aí está, diz Antonio Caparrós, o primeiro equívoco frommiano.

"Poderíamos começar indicando que, certamente, Freud pressupõe 'o homem como tal, um homem universal'. Mas, que significa exatamente tal pressuposto? Se Fromm atribui a esta expressão um significado similar ao de uma essência (ou alma) humana metafísica e abstrata, comum a todos os homens, entidade quo contraposta à existência histórica e dotada de uma dinâmica teleológica que se manifesta através desta, então podemos afirmar, sem temor de equivocarmos, que Freud não insinuou jamais um tal ponto de partida. Esta expressão aplicada a Freud não pode significar mais que o que significa a qualquer cientista que lida com os problemas humanos: que todos os homens tem uma dotação psicológica filogeneticamente semelhante".³⁶

E, continua Caparrós, se Fromm se referisse a esta aceção do termo nada haveria há objetar. A verdade é que Fromm joga com ambas as significações, passando de uma a outra sem nenhuma mediação. Se não fosse assim, por que a equiparação com o "metafísico Spinoza"? Para Fromm, o fato de os homens terem uma "organização psíquica semelhante" exige, ou é o mesmo que possuir uma "entidade chamada natureza humana".

"Ao que parece, Fromm acredita que a elaboração de um modelo de homem implica, necessariamente, o reconhecimento de uma entidade ontológica a este modelo. Uma concepção ou modelo de homem, em quanto não se demonstre o contrário, não é um conceito empírico, não é mais que um constructum logicum, um postulado da razão, cujo valor se justifica por sua força explicativa e por sua capacidade de organizar coerentemente os dados empíricos"³⁷

As ambigüidades frommianas não se restringem ao uso indiscriminado do termo natureza em sentido metafísico e em sentido biológico. Todas as restrições de Fromm ao modelo freudiano de homem advêm da perspectiva ética em que procura situar a questão. Ainda, segundo Caparrós, Fromm tem razão ao assinalar o fato de que Freud procurou abster-se de todo juízo de valor, ao menos em grande parte de sua obra. Já não lhe parece defensável a inferência frommiana de que o não reconhecimento da psicologia para estabelecer juízos de valor, signifique, necessariamente, o reconhecimento do "relativismo ético".³⁸ Por outro lado, é fato também que, a partir dos anos vinte, os escritos freudianos abundam em enunciados filosóficos e inclusive éticos, formulados e restritos à perspectiva limitada de sua teoria científica. Já quanto ao fato, de Fromm supor um descuido imperdoável dos aspectos éticos do modelo freudiano de homem, o mesmo crítico lembra que Fromm não leva em conta de que:

"Freud se vale deste modelo a um nível estritamente 'pulsional', no qual não há lugar, ao menos diretamente, para as dimensões éticas da personalidade. A perspectiva genético pulsional, pela qual Freud ~~accede~~ ~~ao~~ ~~homem~~ ~~neurotíco~~ com propósitos tanto terapêuticos como científicos, não exige em absoluto a consciência ética que invoca Fromm (...). A inadequação do modelo freudiano há que ser provada por meio de sua inoperatividade científica ou terapêutica, tarefa que jamais Fromm empreende de um modo sério e rigoroso. A este respeito acrescentaremos, que apesar das debilidades do modelo freudiano-instinto de morte, conceito de carga e descarga,

energia etc. - o fato é que ninguém encontrou ainda um modelo que descreva melhor os fenômenos pulsionais e inconscientes ou que explique com maior eficácia terapêutica as neuroses".³⁹

Todas estas críticas, além de pertinentes, nos tornam ainda mais céticos quanto à possibilidade de Fromm ter atingido uma verdadeira síntese entre psicanálise e marxismo. Veremos, ao final, que na "concepção antropológico-filosófica da existência humana", muitos conceitos e idéias, tomados da psicanálise freudiana e da teoria de Marx, foram completamente descaracterizados.

Realmente, Fromm não podia concordar com a visão freudiana de homem, uma vez que seu ponto de partida é o pressuposto de que existe na natureza humana algo fundamentalmente bom, produtivo, algo que pode ser reprimido, relegado a um segundo plano, mas que em última instância é irreversível. Movido por esta crença, Fromm não poderia concordar com o conceito freudiano de inconsciente: "anárquica e caótica amálgama de irracionalidade";⁴⁰ antes, na visão frommiana, "o conteúdo do inconsciente não é, nem o bem nem o mal, o racional ou o irracional - é ambos, é tudo o que é humano. O inconsciente é a totalidade do homem".⁴¹

2.2.2 - A visão frommiana do homem em Marx

Mesmo manifestando, desde os seus primeiros escritos, grande preocupação pelo descuido do homem nos sistemas e teorias inspiradas em Marx, Fromm, nas suas elaborações teóricas, lança mão de algumas teses marxistas. Com a publicação dos Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844, Fromm pode identificar em Marx o que sempre desejara - "um filósofo huma



visão global de Marx como se transformarão na mais importante fonte da elaboração e sistematização de sua antropologia na década de quarenta.

Fromm entende que "para a filosofia marxista, que encontrou sua expressão mais eloqüente nos 'Manuscritos Econômicos e Filosóficos', o problema central é o da existência do homem individual, real, que é aquilo que ele faz, e cuja 'natureza' desabrocha e se revela na história".⁴² Em suas considerações sobre a natureza humana Fromm apela constantemente para a autoridade de Marx. Diz que a idéia de uma natureza humana ou essência do homem está desmoralizada porque hoje, somos mais céticos em relação a expressões metafísicas e abstratas. Que psicólogos e sociólogos contemporâneos estão mais inclinados a defender o relativismo sociológico que considera o homem como uma folha de papel branco no qual a cultura escreve o seu texto e, ainda que não neguem a unidade da raça humana, deixaram vazio de conteúdo o conceito de humanidade.⁴³

Este não é, para Fromm, o caso de Marx que "partiu da idéia de que o homem como homem é uma entidade identificável e verificável, podendo ser definido como homem não apenas biológica, anatômica e fisiologicamente, mas também psicologicamente".⁴⁴ Com esta ambígua afirmação, Fromm, como já fizera com Freud, inclui Marx entre os defensores da natureza ou essência do homem ao lado de Spinoza e Hegel.

Fromm diz que Marx não foi tentado a identificar a "natureza humana" com a expressão predominante em sua própria sociedade, crítica esta, feita a Freud. Marx, continua Fromm, distinguia entre "natureza humana em geral" ou "essência humana" e uma natureza humana modificável em cada época histórica"-



o homem concreto. Esta distinção vai buscá-la em O Capital. Diz Fromm:

"Ao argumentar contra Bentham, disse Marx: 'Para saber o que é útil para o cão, precisa-se estudar a natureza canina. Essa natureza, em si mesma, não deve ser deduzida do princípio de utilidade. Ao aplicar isso ao homem, quem criticar todos os atos, movimentos, relações, etc. humanos, pelo princípio de utilidade, terá primeiro de lidar com a natureza humana em geral, e depois a natureza humana modificada de cada época histórica'

(Karl Marx, O Capital)"⁴⁵

Fromm prossegue lembrando que o conceito de natureza humana em Marx não é uma abstração como tampouco o era para Hegel. Insiste em que a "essência do homem" ou "natureza humana em geral" não pode ser vista como tal, pois o que observamos são sempre as manifestações específicas da natureza humana nas diversas culturas. Mas podemos, afirma, "deduzir dessas várias manifestações o que é a natureza humana em geral, quais as leis que a governam, quais as necessidades que o homem tem como homem".⁴⁶

Para Fromm, Marx usa, em seus primeiros escritos, in distintamente as expressões "natureza humana em geral" e "essência humana" e, posteriormente, teria abandonado o termo "essência" por ser abstrato, para evitar a impressão de que considerava a essência uma substância ahistórica mas, acrescenta, manteve esta noção diferenciando: "natureza humana em geral" e "natureza humana modificada em cada época histórica".

Desta forma, pela identificação dos termos "essência" e "natureza humana" nos Manuscritos, a justificação do abandono do primeiro termo pelo "velho Marx" e, com a citação da polêmica deste com Bentham, Fromm crê ter encontrado provas suficientes não só para discordar daqueles que operam a ruptura entre o



primeiro e o segundo Marx mas, para afirmar, também, que com relação ao conceito de "essência do homem", o velho Marx permanece idêntico ao Marx dos Manuscritos.

Resta-nos saber, segundo a versão frommiana, que que consiste, pois, a natureza ou essência do homem para Marx. Fromm diz que, conforme aquela distinção entre "natureza humana em geral" e "natureza humana modificável em cada época histórica", Marx clasifica os impulsos e apetites humanos em - contantes ou fixos, compreendendo a fome e o desejo sexual, que são parte da natureza humana; e os relativos que são determinados pelas estruturas sociais e condições de produção.

"Para ele (Marx) a natureza do homem era um determinado potencial, uma série de condições, a matéria-prima humana, por assim dizer, que como tal não podia ser modificada, assim como o tamanho e estrutura do cérebro permanecem os mesmos desde o início da civilização. Não obstante, o homem modifica-se no curso da história. Ele é produto da história, transformando-se na evolução desta. Torna-se o que é potencialmente. A história é o processo da criação do homem por si mesmo, pela evolução - no processo de trabalho - das potencialidades que lhe são dadas ao nascer. 'O conjunto do que se chama história mundial nada mais é que a criação do homem pelo trabalho humano, e a emergência da natureza para o homem; ele, portanto, tem a prova evidente e irrefutável de sua autocriação, de suas próprias origens', diz Marx".⁴⁷

O ponto de partida de Fromm é a "essência humana" dos Manuscritos e, é ainda com base neles que procura determinar o que seja esta essência humana. Vimos até aqui como Fromm está convencido de que Marx partilha um ponto de vista segundo o qual o homem sofre mudanças, mas que, apesar disso, realiza, no processo da história, uma certa potencialidade imutável que lhe é inerente. Daí a afirmação de que a "história é a história da auto-realização do homem; ela nada mais é que a auto-criação



do homem por intermédio de seu próprio trabalho e produção".⁴⁸ Fromm procura reforçar e garantir esta interpretação de Marx, apelando para Hegel pois, "o conceito marxista do homem nasce do pensamento de Hegel".⁴⁹ Este não só dimensionou o problema da relação essência e existência mas, a culminância do seu pensamento, diz Fromm, "é o conceito das potencialidades intrínsecas a algo, do processo dialético pelo qual elas se manifestam, a idéia desse processo ser de movimento ativo de tais potencialidades".⁵⁰ A idéia mesma de "produtividade" é anterior a Hegel, e já se encontra no sistema ético de Spinoza, assinala Fromm.

Apesar de fazer referência ao trabalho, Fromm procura ir mais longe na determinação da essência do homem, referindo-se ao "trabalho produtivo" como atividade própria do homem. Assim poder-se-ia concluir que a essência do homem, na versão frommiana de Marx, é o "trabalho produtivo".

"Para Spinoza, Gothe, Hegel assim como para Marx, o homem só está vivo na medida que é produtivo, na medida em que abarca o mundo exterior no ato de manifestar seus próprios poderes humanos específicos e de abarcar o mundo com estes. Na medida em que o homem não é produtivo, na medida em que é receptivo e passivo, ele nada é, está morto. Neste processo produtivo, o homem realiza a sua própria essência, re-torna à sua própria essência, o que, em linguagem teológica, nada mais é que seu retorno à Deus",⁵¹ - diz Fromm.

Ao que parece, Fromm procura dilatar a concepção marxista de essência humana enquanto "trabalho". O "homem produtivo" de Fromm, além da dimensão trabalho, inclui a dimensão amor; daí, o destaque especial dado por Fromm, às considerações de Marx sobre o fenômeno amor.

Da concepção de homem em Marx, segundo a ética



frommiana, além dos conceitos de natureza humana e trabalho, o conceito de alienação, também, tomado dos Manuscritos, desempenhará papel central na antropologia frommiana. Por hora, basta dizer que a história que deveria ser a história da autorrealização através do "processo de trabalho e produção" se transformou em negação da essência do homem, em "alienação". Por esta interpretação do conceito de alienação restrita aos Manuscritos Fromm é levado também a aceitar o comunismo como a meta a ser atingida pelo homem alienado da sociedade capitalista. E cita esta passagem de Marx sobre o comunismo:

"O comunismo é a abolição positiva da propriedade de privada, da auto-alienação humana, e assim a verdadeira apropriação da natureza humana por meio do e para o homem. Ele é, por conseguinte, o retorno do próprio homem como ser social, isto é, realmente humano, um retorno completo e consciente que assimila toda a riqueza da evolução anterior. O comunismo como naturalismo plenamente evoluído é humanismo, e como humanismo plenamente desenvolvido é naturalismo. Ele é a solução definitiva do antagonismo entre o homem e a natureza, e entre o homem e seu semelhante. Ele é a verdadeira solução do conflito entre existência e necessidade, entre indivíduo e auto-afirmação, entre liberdade e necessidade, entre indivíduo e espécie. Ele é a solução do enigma da história e disso ele mesmo tem conhecimento".⁵²

Fromm acha que Marx ultrapassou a concepção substancialista, não histórica da natureza humana e também a concepção relativista segundo a qual a natureza humana é reflexo das condições sociais e, conclui dizendo que Marx, porém, "não chegou ao desenvolvimento cabal de sua própria teoria sobre a natureza do homem, transcendendo tanto a posição não-histórica como a relativista. Ficou, portanto, sujeito a várias interpretações contraditórias".⁵³

Da concepção de homem em Marx, Fromm tomará, para

elaborar sua antropologia pessoal, alguns conceitos fundamen-
tais como "essência humana", "trabalho produtivo" e "aliena-
ção".

Atribuindo a Marx a defesa de uma "natureza ou es-
sência humana", Fromm põe de acordo com Freud, Spinoza, Hegel
e consigo próprio. Sobre isso lembramos o que já havíamos dito
nas considerações sobre a concepção de homem em Freud, quando
assinálávamos o uso indiscriminado e ambíguo do termo "nature-
za humana" da parte de Fromm. O mesmo deve ser dito aqui, em
sua interpretação da concepção de homem em Marx. O emprego do
termo "natureza humana" em sentido biológico e em sentido meta-
físico, impediu Fromm de distinguir o conceito marxiano de "es-
sência humana" do conceito marxiano de "natureza humana", já
que Marx abandona, posteriormente, o primeiro. Fromm identifi-
cou falsamente ambos os conceitos e, por isso mesmo, ficou im-
pedido de apreciar a continuidade da concepção do homem em
Marx através dos seus escritos.⁵⁴

"Segundo Fromm, o fato de que O Capital fale
de 'natureza humana em geral' é prova suficien-
te da continuidade da concepção de 'essência
do homem' no velho Marx. E que Marx já não
mais ampliou o termo 'essência' tem um explica-
ção simplista (...) Pelo visto, Marx considerá-
va abstrato o 'termo', mas não a 'noção'. De
onde tira Fromm esta sutil distinção"?⁵⁵ per-
gunta Caparrós.

É acrescenta que Fromm, como bom conhecedor dos Manuscritos, pa-
rece não ter presente as palavras de Marx quando descreve o ho-
mem como "ser natural".

"O homem é imediatamente ser natural. Como ser
natural, e como ser natural vivo, está, de uma
parte, dotado de forças naturais, de forças vi-
tais, é um ser naturalmente ativo; ... de ou-
tra parte como ser natural, corpóreo, sensível
objetivo, é, como o animal e o planta, um ser
passivo, condicionado e limitado ... É que o



homem seja um ser corpóreo, com forças naturais, vivo, real, sensível, objetivo, significa... que tem como objeto de seu ser, de sua exteriorização vital, objetos reais, sensíveis, e que só em objetos reais, sensíveis pode exteriorizar sua vida... um ser que não tem sua natureza fora de si não é um ser natural, não participa do ser da natureza..." 56

Esta natureza a que se refere Marx é uma natureza de caráter biológico e que, portanto, não pode ser identificada com "essência humana" entendida como essência metafísica.

Para concluir a interpretação frommiana da concepção de homem em Freud e Marx lembramos que os olhos humanistas e utópicos de Fromm não conseguiram ver em Freud e Marx mais que dois defensores da natureza humana enraizados na tradição humanista ocidental, cujas teorias são a mais atual e "revolucionária" contribuição ao humanismo.

NOTAS

- 1 ISOARDI, A. e POLAINO, A. Erich Fromm: Mas alla de las cadenas de la Ilusion y La Revolucion de La Esperanza. Toledo, Magisterio espanol, 1977. p. 118.
- 2 FROMM, Erich. Meu Encontro com Marx e Freud. p. 14.
- 3 DÓBRENKOV, V. I. Op. Cit. p. 26.
- 4 CAPARRÓS, Antonio. Op. Cit. p. 21.
- 5 FROMM, Erich. Meu Encontro com Marx e Freud. p. 18.
- 6 Id., Ibid. p. 19.
- 7 Id., Ibid. p. 20.
- 8 MARX, K. e ENGELS, F. Manifesto de 1848. In: Cartas Filosóficas e Outros Escritos. São Paulo, Grijalbo, 1977. p. 85.
- 9 FROMM, Erich. Meu Encontro com Marx e Freud. p. 20.
- 10 MARX, K. Terceiro Manuscrito. In: Manuscritos Econômico Filosófico e outros textos escolhidos. 2 ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980. p. 8.
- 11 FROMM, Erich. Conceito Marxista de Homem. 7 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 9.
- 12 ASTRADA, Carlos. Trabalho e Alienação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968. p. 4.
- 13 BARCALÁ, José Basade. Op. Cit. p. 27.
- 14 FROMM, Erich. Meu Encontro com Marx e Freud. p. 18.
- 15 Id., Ibid. p. 29.
- 16 Id., Ibid. p. 16.



- 17 Id., Ibid. p. 17.
- 18 Id., Ibid. p. 29.
- 19 FROMM, Erich. Grandeza e Limitações do Pensamento de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 109.
- 20 Id., Meu Encontro com Marx e Freud. p. 29.
- 21 Id., Ibid. p. 30.
- 22 Id., Ibid. p. 30-31.
- 23 FROMM, Erich. O Modelo Freudiano de Homem e suas determinantes Sociais. In: A Crise da Psicanálise. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1977. p. 42-43.
- 24 Id., Grandeza e Limitações do Pensamento de Freud. p. 12.
- 25 Id., O Modelo Freudiano de Homem e suas determinantes sociais. In: A Crise da Psicanálise. p. 43.
- 26 Id., Ibid. p. 45.
- 27 Id., Ibid. p. 47.
- 28 Id., Ibid. p. 48.
- 29 Id., Meu Encontro com Marx e Freud. p. 86-87.
- 30 Id., Grandeza e Limitações do Pensamento de Freud. p. 25.
- 31 Id., Ibid. p. 26.
- 32 Id., O Modelo Freudiano de Homem e suas determinantes sociais. In: A Crise da Psicanálise. p. 51.
- 33 Id., Ética e Psicanálise. p. 53.
- 34 Id., Ibid. p. 11.
- 35 Id., O Modelo Freudiano de Homem e suas determinantes sociais. In: A Crise da Psicanálise. p. 59.
- 36 CAPARRÓS, Antonio. Op. Cit. p. 203-204.
- 37 Id., Ibid. p. 204-205.
- 38 Id., Ibid. p. 178.
- 39 Id., Ibid. p. 180-181.
- 40 BARCALÁ, José Basade. Op. Cit. p. 161.
- 41 FROMM, Erich. Meu Encontro com Marx e Freud. p. 121.
- 42 Id., Conceito Marxista do Homem. p. 7.
- 43 Id., Meu Encontro com Marx e Freud. p. 32.



- 44 Id., Conceito Marxista do Homem. p. 34.
- 45 de Karl Marx citado por
FROMM, Erich. Conceito Marxista do Homem. p.34.
- 46 FROMM, Erich. Meu Encontro com Marx e Freud.
p. 32.
- 47 Id., Ibid. p. 33.
- 48 Id., Conceito Marxista do Homem. p. 35.
- 49 Id., Ibid. p. 36.
- 50 Id., Ibid. p. 37.
- 51 Id., Ibid. p. 38.
- 52 de Karl Marx citado por
FROMM, Erich. Conceito Marxista do Homem.
p. 41-42.
- 53 FROMM, Erich. Meu Encontro com Marx e Freud.
p. 33.
- 54 KALIVODA, Robert. Marx y Freud. Barcelona,
Ed. Anagrama, 1975. p. 20.
- 55 CAPARRÓS, Antonio. Op. Cit. p. 225-226.
- 56 de Karl Marx citado por
CAPARRÓS, Antonio. Op. Cit. p. 226.



3 - A SÍNTESE FROMMIANA :

"A TEORIA ANTROPOLÓGICO-FILOSÓFICA DA EXISTÊNCIA HUMANA"

Se na década de trinta, como já tivemos oportunidade de observar, a síntese Marx-Freud teve sua expressão na "estrutura libidinal" ou "caráter social", nos anos quarenta, Erich Fromm passou a insistir mais em uma nova concepção antropológica capaz de superar, segundo ele, as concepções insuficientes quer substancialistas, quer relativistas.

Fromm parte para a elaboração de sua concepção de homem convencido da insuficiência do "modelo freudiano de homem", apesar das suas importantes contribuições e descobertas, momento a do inconsciente. Está convencido, igualmente, de que apesar do papel fundamental desempenhado pelo problema da essência do homem, no sistema de Marx, este não chegou a dar-lhe uma solução satisfatória. Por isso mesmo, na elaboração de sua própria teoria, Fromm não se limitou a estas duas fontes.

Diante da difícil e importante pergunta - que é o homem? - Fromm não se deteve apenas diante das abordagens de Freud e Marx. Começou por examinar as diversas e concepções que



o próprio homem criou de si mesmo ao longo da história. Seu ponto de partida foi, sem dúvida, a "concepção escatológica" de homem recebida ainda na infância, através dos ensinamentos bíblicos velho testamentários. Posteriormente seus estudos filosóficos, sociológicos e psicológicos lhe oportunizaram novas concepções de homem. Diante de todas as correntes, Fromm sempre se deu em admirar pensadores que considera os máximos representantes do "humanismo". Lembra entre os filósofos gregos, Platão e Aristóteles, mas refere-se mais a miúdo a Spinoza, Goethe, Hegel, Marx e Freud.

Bebendo nas fontes mais diversas, Fromm fez mais que interpretá-los. Com cada pensador com o qual teve oportunidade de dialogar através de seus escritos, buscou guardar aqueles aspectos - idéias, conceitos, perspectivas que, no seu entender, contribuíram para dizer melhor o que é o homem.

Este caminho "sui generis" seguido pelo nosso autor deve-se, por um lado, ao fato de que o humanismo parece ser o único critério de verdade em relação à escolha de suas fontes e, por outro, à válida observação de Fromm de que a separação dos diversos ramos científicos que investigam a realidade humana terem sua capacidade de interpretação determinada pelos limites de sua emancipação. Daí que, segundo ele, a Psicologia não pode separar-se da filosofia, da ética, da sociologia e mesmo da economia. A Psicanálise, diz ele, no seu propósito de fundar a Psicologia como ciência positiva, cometeu o erro de separá-la dos problemas filosóficos e morais. Fromm não se conforma com os limites que têm sido impostos à Psicologia moderna. Sua concepção de ciência é mais ampla. A Psicologia não só deve compreender a personalidade humana em sua totalidade como dar res

posta ao problema do significado da existência humana além de determinar-lhe as normas segundo as quais deve viver.¹

Por esta visão frommiana da ciência psicológica é difícil compreender os limites de "sua" psicologia e antropologia filosófica.

Para Fromm, o indivíduo representa a espécie humana e sua personalidade individual é determinada pelas particularidades da existência humana, comum a todos os homens. Por isso, o estudo da personalidade exige que se responda antes à questão: que é o homem? ou, dito de outro modo - a psicologia deve basear-se em uma concepção antropológico-filosófica da existência humana.²

3.1 - A concepção de natureza humana em Fromm

"Para a maioria dos pensadores, desde o advento dos filósofos gregos, era evidente que existe uma coisa que se chama natureza humana, uma coisa que constitui a essência do homem. Houve vários pontos de vista sobre aquilo que a constitui, mas havia concordância em que essa essência existe - quer dizer, existe algo em virtude do qual o homem é homem".³

Com estas palavras, Fromm introduz suas considerações sobre a natureza do homem num dos últimos trabalhos em que trata do assunto: "Anatomia da Destrutividade Humana".(1973) Achamos por bem iniciar com esta citação para que tenhamos presente a significação que Fromm dá aos termos "essência" e "natureza humana" lembrando que, nosso autor, joga com o termo "natureza" tanto em sentido biológico como em sentido metafísico, isto é, como "essência" contraposta à existência histórica, no momento em que melhor lhe convier. Ao se tratar de "natureza humana", continua Fromm, imediatamente se colocam duas questões: primeiro, Pereira Niehues, A. R., 1981: Ética Humanista. A proposta ética de Erich Fromm e seu fundamento antropológico-filosófico, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 1981, 173 pp.



se podemos falar na essência da natureza do homem, e em caso afirmativo, como poderá ser ela definida.⁴ Sobre os enfoques substancialista e relativista, tradicionais no pensamento filosófico diz que, do primeiro partilham pensadores autoritários que supuseram para sua conveniência, a existência de uma "natureza fixa" e imutável; e, no segundo, se incluem os adeptos da teoria da "maleabilidade infinita" da natureza humana ou do relativismo antropológico, para quem a natureza não passa de reflexo dos padrões culturais.⁵

Fromm rejeita ambas as abordagens por julgá-las insatisfatórias e acrescenta:

"A dificuldade em encontrar uma definição satisfatória para a natureza do homem reside no seguinte dilema: admitir certa substância como constituindo a essência do homem, ficar-se-á forçosamente numa posição não-evolutiva, não histórica, que implica não ter havido mudança básica no homem desde os primórdios de seu aparecimento. Tal maneira de ver é difícil de enquadrar no fato de ser encontrada tremenda diferença entre nossos menos desenvolvidos ancestrais e o homem civilizado como aparece nos últimos quatro a seis mil anos de história. Pelo contrário, se se aceitar um conceito evolutivo e assim acreditar-se que o homem está constantemente mudando, o que resta para conteúdo de uma suposta "natureza" ou "essência do homem"?"⁶

O dilema, tal como é aqui colocado pelo autor, já inclui a premissa de que existe uma natureza ou essência do homem, não apenas o conceito genérico mas, concretamente e, a dificuldade segundo Fromm, reside tão só em buscar uma definição desta essência que não contradiga o caráter evolutivo e histórico do homem. Fromm já não põe mais em discussão a existência ou não de uma natureza ou essência humana, mas tão somente o problema de como defini-la. Para Fromm, são igualmente válidas as definições formuladas por Aristóteles, Nietzsche ou Marx mas,



julga-as parciais e insuficientes por exprimirem qualidades essenciais do homem, porém, não a sua "essência". Sua tentativa e perspectiva para definir a essência do homem quer não só ultrapassar as definições parciais formuladas até então mas, Fromm está convencido de, por ela, atingir a essência humana no seu cerne e totalidade.

Fromm acredita ter encontrado a solução daquela dicotomia entre "natureza humana fixa" e "infinitamente maleável" conservando, ao mesmo tempo, o caráter histórico do homem através da "contradição inerente à existência humana".⁷ Esta contradição deve ser buscada nas condições antropológicas da existência humana que Fromm exprime no conceito de "situação humana".⁸

Para Fromm só num exame da "situação humana" poder-se-á saber o que é comum e inerente a todos os homens de todas as épocas. Portanto, qualquer tentativa para esclarecer a essência do homem deve ser buscada na consideração das condições específicas - biológicas e mentais da espécie humana, pois, já que corpo e mente não são domínios separados, deve definir-se a espécie homem tanto mental quanto fisicamente.

Do ponto de vista biológico, isto é, no tocante ao seu corpo e às suas funções fisiológicas, o homem pertence ao reino animal. Considerando-se o processo da evolução humana "o homem pode ser definido como o primata que emergiu de uma fase da evolução em que a determinação instintiva havia atingido um mínimo, e o desenvolvimento do cérebro um máximo".⁹ Seu "equipamento instintivo" é insuficiente, por si só, para garantir-lhe a sobrevivência. Mas inversamente, enquanto se acentuou o debilitamento do aparelho biológico de adaptação instintiva, aumentou a capacidade intelectual do homem, permitindo não só a con

secação de objetivos imediatos e práticos mas, tomar consciência de si mesmo como ser independente.

"Quando o animal transcende a Natureza, quando transcende o papel puramente passivo da criatura, quando ele se torna, biologicamente o animal mais desamparado, nasce o homem. (...) auto-consciência, a razão e a imaginação rompem a 'harmonia' característica da existência animal. O seu surgimento transformou o homem em uma anomalia, em um capricho do universo".¹⁰

Fromm entende que a situação tipicamente humana consiste na "dicotomia biológica entre instintos ausentes e auto-consciência".¹¹ O emprego da expressão "instintos ausentes"- se esclarece pelo fato de seu autor encarar o nascimento do homem, tanto ontogênica quanto filogeneticamente como um acontecimento negativo. Diz que o homem carece de adaptação instintiva à natureza, que é débil e se sente desprotegido. Interpreta, neste contexto, o mito da expulsão do paraíso bíblico em que o Jardim do Éden equivaleria ao estágio pré-humano de harmonia com a natureza e a desobediência teria se constituído no primeiro ato de liberdade.¹² Mas, mesmo esta forçada interpretação da passagem bíblica não justifica a posição negativista do autor, face ao fato da evolução humana. Pois é ainda sob este prisma negativo que vai apreciar as outras faculdades humanas ao afirmar que a consciência de si próprio, torna o homem um estranho no mundo, uma criatura solitária. Ou ainda:

"A razão, benção do homem, é também a maldição que o obriga a lutar eternamente na procura da solução de uma dicotomia insolúvel. Sob este aspecto, a existência humana é diferente de todos os outros organismos: encontra-se num estado de constante e inevitável desequilíbrio. A vida do homem não pode 'ser vivida' pela repetição dos modelos da espécie; deve viver. O homem é o único animal que pode sentir tedio, que pode estar desgostoso, sentir-se expulso do Paraíso; o único animal cuja própria existência constitui um problema que carece resolução e de que não



pode evadir-se; é-lhe impossível regressar ao estado pré-humano de harmonia com a natureza; tem que desenvolver a sua razão até que venha a tornar-se senhor dela e de si mesmo".¹³

Resumindo: Fromm entende que o ser humano é, dentre os demais, o que menos predestinado tem seu comportamento. Sendo o mais inerme dos animais tem, no entanto, nesta debilidade biológica a força que o impulsiona, que o leva a desenvolver suas capacidades especificamente humanas. A "situação humana" que lhe é peculiar e pela qual se distingue dos animais é que sua consciência o leva a ver-se como entidade separada dos demais; transcende a natureza e está submetido às suas leis físicas; está nela e dela faz parte e, no entanto, se sente só; tendo consciência de si se dá conta de sua impotência e limitações; enfim, não pode escapar à dicotomia básica que é aquela entre a vida e a morte. Recorda o passado, tem consciência do presente e, também visualiza o seu fim último - a morte.¹⁴

Todas estas incompatibilidades foram denominadas por Fromm "dicotomias existenciais"¹⁵ e constituem o conteúdo referencial do conceito "situação humana".

O próprio Fromm admite que sua ênfase sobre as contradições básicas da existência humana nada traz de novo, pois, em última instância, é a mesma tantas vezes já descrita pela visão clássica do homem como corpo e alma, anjo e animal, pertencente a dois mundos em conflito.¹⁶ Para não cair na posição substancialista por ele mesmo descartada, Fromm chama a atenção para que se distingam as contradições por ele chamadas de "existenciais" porque arraigadas na existência do homem das "contradições históricas". Enquanto as primeiras são inevitáveis e não podem ser anuladas porque inerentes à própria existência humana,



as últimas, são criadas pelo homem e susceptíveis de solução e, fazem parte da vida quer individual, quer social.¹⁷

A análise de Fromm sobre a natureza do homem não termina com a indicação de que esta deve ser buscada nas contradições inerentes à existência humana ou na "situação humana" antes, se encontra aí o ponto de partida de toda a sua antropologia filosófica. "Não basta ver esse conflito como a essência do homem, ou seja, por virtude do qual o homem é homem. É necessário ir além dessa descrição e reconhecer que o conflito mesmo do homem exige uma solução",¹⁸ diz Fromm.

Na "situação humana" - conceito basilar da teoria frommiana, está, pois, a origem das necessidades psíquicas comuns a todos os homens e, no entender de Fromm, são estas necessidades que no seu conjunto constituem a essência genérica de homem. Por esta razão, a definição frommiana de homem enquanto "ser em conflito" dá margem à análise das necessidades do homem - de "como resultam das condições de sua existência".¹⁹

3.2 - As "necessidades existenciais"

O homem é o único animal, para quem a vida se constitui um problema a exigir solução. E, segundo Fromm, basicamente só há duas soluções a dar. O homem está sempre diante de uma opção: ou dá uma resposta progressista buscando novo equilíbrio e harmonia pelo desenvolvimento das qualidades especificamente humanas e que coincide com a satisfação das necessidades inerentes à sua natureza; ou, dá uma resposta regressiva, voltando a existência puramente animal ou estado de pré-individualização pela anulação daquilo que é "humano".²⁰

Nesta alternativa está, para nosso autor, a diferença entre sanidade e doença mental. É importante assinalarmos este fato para podermos entender certas afirmações de Fromm no campo da ética, tais como: "um sintoma neurótico é, em muitos casos a expressão específica de um conflito ético"²¹ ou, que o "caráter produtivo é o ideal da ética humanista".²²

Fromm insiste que, ao reconhecermos a contradição mesma da existência humana que está a exigir uma solução, não significa que qualquer resposta dada ao conflito constitui a essência do homem. O que constitui a essência ou natureza do homem é a pergunta e a necessidade de uma resposta. As várias formas de existência são respostas ao conflito que o homem pode dar, relativas a seu caráter e a sua cultura.²³

Mais uma vez podemos assinalar aqui uma volta de Fromm à visão clássica e essencialista de homem. Dizer que o homem é, entre todos, um ser que se interroga, é apenas uma variante da definição de homem como "animal racional".

Já dissemos também que a especulação frommiana sobre a essência do homem não pára na "contradição" ou "conflito". Antes, encontra aí, a origem das necessidades comuns a todos os homens. A satisfação dessas necessidades é indispensável ao estado de sanidade tanto quanto as necessidades ou impulsos orgânicos capacitam o homem a viver. Nas chamadas "necessidades existenciais" temos o ponto em que se dá a passagem da antropologia filosófica frommiana que tenta responder a pergunta que é o homem, para a antropologia psicológica que fará a análise das necessidades que resultam das condições de sua existência, o estado da personalidade e a caracteriologia frommiana. Ao chamarmos atenção para esta passagem não queremos afirmar que se tra-



ta de campos estanques, ao contrário, estão imbricados. Se analisarmos o método seguido por Fromm e pelo qual ele próprio pau tou suas investigações, verificamos que, foi a partir das constatações empíricas, no campo da psicologia e psicanálise que Fromm foi levado às especulações antropológico-filosóficas.

"A natureza humana não pode jamais ser observada em si mesma, mas apenas tal como se manifesta perante situações definidas. Representa uma construção lógica elaborada a partir de um estudo empírico do comportamento humano".²⁴

Nesta passagem Fromm se refere à "natureza humana" co mo uma "formulação teórica", um conceito. Sim, para Fromm, ela também é um conceito, mas, mais que isto, é algo substancial, não de natureza biológica como em Freud mas, uma substância psi cológica que acaba por materializar-se nas necessidades psíqui cas ou "existenciais" (na terminologia frommiana). E é da satis fação destas mesmas necessidades que Fromm faz depender a solu ção da "contradição inerente à existência humana" - que constitui a essência do homem.

Não basta para o homem, diz Fromm, a satisfação de todas as necessidades fisiológicas. Ele quer mais - ele anseia por poder, amor ou destruição e, devota-se ideais religiosos, po líticos e humanistas. É o estado de desarmonia em que vive o homem devido às "dicotomias existenciais" que gera estas necessidades e, são elas que, no seu conjunto, dão lugar a um impul so imperativo para restaurar a unidade e o equilíbrio entre o homem e a natureza.

Definida a essência ou natureza humana, segundo a perspectiva frommiana, resta-nos conhecer as chamadas "necessidades existenciais" cuja satisfação constitui a solução da "con



tradição inerente à existência humana" ou a realização mesma da essência do homem. São elas: necessidade de relação, necessidade de transcendência criadora e de arraigamento, sentimento de identidade e necessidade de uma estrutura de orientação e de voção.²⁵

Necessidade de relação

Para Fromm, são de máxima importância, as relações que o indivíduo estabelece consigo mesmo, com os demais homens e com o mundo externo. O homem procura, por todos os meios, evitar a solidão. A necessidade de unir-se aos demais é tão imperiosa que, a frustração constante e duradoura desta necessidade leva à desintegração mental, do mesmo modo que a inanição conduz à morte, diz Fromm. A conexão com os outros não significa simples contato físico. A solidão física torna-se insuportável somente se implica também solidão moral.

À pergunta - de onde nasce esta imperiosa necessidade de relacionar-se? - Fromm responde simplesmente que para subsistir, o homem precisa relacionar-se, cooperando com os demais homens.

"O homem não pode viver só e isolado dos seus semelhantes: tem que associar-se com outros para a defesa, o trabalho, a satisfação sexual, a criação dos filhos e a transmissão dos conhecimentos e das posses materiais. Mas, para a relação com os outros é além disso, necessário o ser-se um deles, fazer parte de um grupo. O isolamento completo é incompatível com a saúde mental".²⁶

O relacionamento com os outros pode efetivar-se de inúmeras maneiras e exprimir-se numa variedade enorme de sentimentos. Mas só no relacionamento "produtivo", isto é, nas relações amorosas, nas suas múltiplas formas que inclui, desde o



amor materno até a solidariedade humana, pode encontrar, verdadeiramente, satisfação para a necessidade de relação. Pois, só o "amor é a união com alguém, ou algo, fora da criatura, sob a condição de manter a separação e a integridade própria".²⁷

Na impossibilidade de um relacionamento normal e autêntico é comum encontrar na submissão e dominação a satisfação compensatória para a necessidade de relacionamento. O que há de comum entre elas é a "natureza simbiótica da relação", isto é, a perda da integridade e liberdade individual. Estas duas formas resultam no malogro de todo e qualquer relacionamento, pois, "o atendimento à paixão de submissão (masoquismo) ou de dominação (sádica) jamais conduz à satisfação".²⁸

Necessidade de transcendência

Trata-se da necessidade que o homem tem de superar - se do papel passivo de criatura. Em "O Medo à Liberdade", Fromm afirmava que o único modo de se evitar o isolamento e a ansiedade era através do relacionamento espontâneo com o homem e a natureza, um relacionamento que ligasse o indivíduo ao mundo sem eliminar sua individualidade. E dava como exemplos mais autênticos deste relacionamento o amor e o trabalho produtivo. Em "Ética e Psicanálise" ele amplia estes conceitos ao dizer:

"Podemos relacionar-nos produtivamente com o mundo por meio da ação e da compreensão. O homem produz coisas materiais e nesse processo de criação exerce os seus poderes sobre a matéria, simultaneamente, por intermédio da razão e do amor compreende o mundo, mental e emocionalmente".²⁹

A necessidade de transcendência está intimamente ligada à necessidade de relação da qual é uma forma específica. É o desejo que o homem tem de unir-se ao mundo mediante um trabalho



construtivo, de tornar-se criador, seja pela produção de objetos materiais, pela atividade artística ou pela produção intelectual.

Em oposição à atividade criadora, a resposta alternativa para a necessidade de transcendência é a destrutividade que não tende para a simbiose ativa ou passiva com seu objeto mas, para sua eliminação. Uma de suas fontes é justamente a insustentabilidade da impotência e solidão do indivíduo. É a tentativa desesperada para destruir o mundo, dada a insustentável sensação de impotência. Está arraigada como potencialidade secundária, diz Fromm, "na própria existência do homem e dotada da mesma intensidade e poder possíveis a qualquer outra paixão. Mas, e aí está o ponto essencial do meu argumento - é apenas uma alternativa para a tendência criadora".³⁰

Necessidade de arraigamento

A história social do homem, segundo Fromm teve início com o seu aparecimento saído do estado de unicidade com o mundo natural, estado que ele denomina de "pré-individualização" para um outro em que tomou consciência de si como entidade independente na natureza e dos demais homens, assim como a criança que nasce e a quem é cortado o cordão umbilical ainda permanece ligada efetivamente à mãe e, só aos poucos, vai se tornando independente, do mesmo modo o "processo de individuação" do homem, através da história foi cheio de percalços.

Todo rompimento com os vínculos naturais é temido pelo homem porque sozinho, sem ambiente e sem raízes, é tomado pela sensação de isolamento, impotência e desamparo. Ele "só poderá prescindir das raízes naturais se encontrar raízes huma-



nas, e somente depois de as encontrar, pode sentir-se novamente no mundo", ³¹ caso contrário, não é surpreendente ver o homem anelar pelo estado de pré-individualização, pelo desejo doentio de retornar ao seio materno, pela supervalorização dos laços de sangue e de solo - enfim, todas as formas de arraigamento nas quais o homem moderno busca refugiar-se tais como o nacionalismo e o racismo.

Apesar de sob este aspecto o quadro se apresentar ainda desolador dado a busca constante de respostas irracionais para a satisfação da necessidade de arraigamento, nosso autor ainda se mostra otimista e esperançoso ao afirmar:

"quando o homem conseguir desenvolver a sua razão e o seu amor mais além do que conseguiu até agora, somente quando ele se sentir arraigado no sentimento de fraternidade universal, e que terá encontrado uma forma nova e humana de arraigamento, que terá transformado o seu mundo em uma pátria verdadeiramente humana".³²

Sentimento de Identidade

O sentimento de identidade do homem se desenvolve par a par com o que Fromm denomina de processo de individuação - o processo pelo qual se desprende dos laços originais com a natureza. Pela autoconsciência o homem se percebe como um ser "separado" ou "independente". Afastado da natureza e dotado de razão e imaginação, o homem, pode também ser definido como o animal que pode dizer "eu", tem consciência de si e sente necessidade de formar um conceito de si mesmo. E como as demais necessidades, sua satisfação é condição necessária para que o homem conserve sua saúde mental.³³

A posição de Fromm com relação a satisfação desta necessidade na cultura ocidental é bastante ambígua. Por um lado afirma que o homem se desenvolveu no sentido de criar as bases

Pereira Niehues, A. R., 1981: Ética Humanista. A proposta ética de Erich Fromm e seu fundamento antropológico-filosófico, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 1981, 173 pp.

do pleno sentimento de individualidade mas, que só um número de indivíduos é capaz de sentir seu "eu" no sentido de ser centro e sujeito ativo de suas potencialidades.³⁴ A grande maioria é incapaz de um verdadeiro sentimento individual de identidade, que é cada vez mais substituído pelo "sentimento de conformidade".

Fromm denomina de "conformismo autômato" ao mecanismo de evasão, próprio da sociedade moderna que consiste na adoção cega das normas e padrões culturais em que vive. Por ele, o indivíduo deixa de ser ele mesmo; adota por completo o tipo de personalidade que a cultura idealiza. Torna-se assim exatamente como são os demais, ou melhor, como esperam que ele seja. Assim, a discrepância entre o "eu" e o mundo desaparece e, com ela, o medo da solidão mas, o preço que paga é alto: converte-se em autômato, perde a sua individualidade.

O mecanismo evasivo de "conformidade automática" acaba por afetar o indivíduo na esfera do seu pensar, dos seus sentimentos e até no que toca à vontade. A automação do homem na sociedade moderna só, aparentemente, é uma solução porque o indivíduo continua intimamente desamparado e inseguro.

Necessidade de uma estrutura de orientação e devoção

Fromm denomina "estrutura de orientação" qualquer sistema de idéias que permite ao homem estar em contato com a realidade mediante a razão, captar o mundo objetivamente e manipulá-lo através de sua inteligência. Mas, como o homem não é apenas intelecto e sim uma "entidade dotada de corpo e espírito"³⁵ todo sistema satisfatório de orientação contém também ele



mentos sentimentais e sensoriais, que se manifestam na relação com um "objeto de devoção".³⁶

Tal como as demais necessidades, esta tem sua origem, segundo Fromm, na fragmentação da natureza do homem devido as "dicotomias existenciais". O homem, na tentativa de restaurar a unidade e equilíbrio perdido entre ele e o resto da natureza, tenta, em primeiro lugar, estabelecer um quadro mental de referência onde possa situar e situar-se. Este quadro mental acaba por envolver-lhe os sentimentos e determinar-lhe a ação.

"Todo sistema de orientação que se pretende satisfatório terá que incluir, para além de elementos puramente intelectuais, elementos emocionais e sensíveis, susceptíveis de ser realizados na ação em todos os níveis do comportamento humano. A dedicação a um fim, a uma ideia ou a um poder que transcenda o homem, como é o caso da crença em Deus, constitui uma expressão desta necessidade de plenitude vital".³⁷

As respostas dadas à necessidade de orientação e devotamento a um objetivo, prossegue Fromm, tem variado ao longo da história em conteúdo e forma. Entre eles se incluem tanto os sistemas primitivos como totemismo e animismo, quanto sistemas filosóficos e religiosos, sejam estes teísticos ou não. O que importa, diz Fromm, é ter alguma estrutura de orientação, independente de ser falsa ou verdadeira, porque, na falta desta, o homem não pode viver com saúde mental. A opção por um determinado sistema deveria ter como critério a possibilidade de, por meio dele, desenvolver-se plenamente as capacidades humanas.

Desta exposição das necessidades básicas do homem, segundo Fromm, um fato deve ser ressaltado: a satisfação de cada uma das necessidades enumeradas tem, por assim dizer, uma forma natural, produtiva, humana de satisfação, bem como formas inadequadas, improdutivas, e desumanas. Neste último caso, diz



Fromm, estamos diante de uma resposta regressiva ao desafio da existência que é o mesmo que a volta ao estado pré-humano, à insanidade ou "alienação".

Só a satisfação adequada das necessidades inerentes ao homem permite o desenvolvimento harmonioso de todas as potencialidades humanas, ou o que é o mesmo, a plena realização da essência humana.

...

Encerrada esta exposição sobre o conceito de natureza humana em Fromm que nos conduziu às "necessidades existenciais", que poderíamos dizer?

Antes de mais nada, devemos dizer que a "concepção antropológico-filosófica da existência humana" é a teoria básica da filosofia social de Fromm. Também não resta a menor dúvida de que sua proposta antropológico-filosófica era ambiciosa: ultrapassar as concepções substancialistas e relativistas e trazer uma definição da natureza ou essência do homem que não desprezasse as contribuições e descobertas humanistas mais importantes, especialmente, a perspectiva histórica de Marx.

Parece-nos que Fromm, na sua pretensão de definir a essência do homem, ultrapassando os antagonismos das abordagens substancialista e relativista, pouco ou nada acrescentou. O que Fromm nos deixou ao final foi uma visão essencialista com verniz psicológico e histórico.

Um aspecto gritante das formulações teóricas de Fromm é a imprecisão terminológica e a ambigüidade com que manipula seus conceitos-chaves. Parte do fato de que assim como

o homem pode ser definido do ponto de vista físico, biológico é possível também defini-lo do ponto de vista psicológico, mental. Até aqui nada a objetar, se para Fromm definir a "natureza psíquica" do homem não fosse o mesmo que determinar uma "entidade chamada natureza humana".

A imprecisão terminológica prossegue quando nosso autor diz que a definição da natureza do homem deve ser buscada na "contradição inerente à existência humana" que, por sua vez, nos é dada pela análise da "situação humana". Que quer dizer Fromm com tal expressão?

Seu significado nos pareceu pouco claro. "Situação humana" é tanto a dicotomia básica homem-natureza quanto o conjunto de contradições decorrentes do complexo corpo-autoconsciência. Se insistirmos em precisar mais o conceito de "situação humana", simplesmente somos remetidos a um outro: "necessidades existenciais".

Pois bem, é o encadeamento inter-relacionado destes três conceitos: "contradição inerente à existência humana" - "situação humana" e "necessidades existenciais", cuja raiz se encontra na visão negativista da antropogênese, que nos dá a chave para compreender a antropologia filosófica de Fromm.

A dicotomia entre o homem e a natureza determina todas as contradições básicas que constituem a "situação humana" que está a exigir uma solução. Este conflito ou "situação problemática" nada mais é que a essência do homem, fonte originária das suas "necessidades existenciais". Estas, portanto, em seu conjunto, constituem a essência genérica do homem.

A formulação teórica de "natureza humana" segundo Fromm, foi, como ele mesmo confessa, uma dedução "das inúmeras



veis manifestações da natureza humana, tanto normais quanto patológicas".³⁸ Diz mais: que o seu ponto de vista não é nem "biológico" nem "sociológico" no sentido de separar um do outro estes dois aspectos porque supõe "que as principais paixões e tendências do homem resultam da existência total do homem".³⁹

Nestas últimas palavras vai uma crítica às concepções de homem de Freud e de Marx, cujas teorias Fromm se propôs sintetizar e ultrapassar. Acontece que sua formulação apresenta, em outro nível, certa similaridade com a teoria de Freud como muito bem assinala V.I. Dobrenkóv:

"A análise do conceito de "situação humana", no qual Fromm constrói propriamente a sua teoria da essência do homem, mostra claramente que do ponto de vista psicológico essa teoria é tão instintivista quanto a freudiana. A diferença diante desta última está apenas em que aquela toma por base não a concepção de natureza biológica mas antropológica dos instintos-necessidades do homem. Se em Freud as necessidades biológicas congênitas são de natureza anti-social, em Fromm as necessidades imutáveis da natureza humana, extra-históricas pela sua origem, manifestam-se sob a forma de aspirações positivas. Tentando refutar a interpretação biossustancialista freudiana da essência do homem, Fromm cai num outro extremo, numa espécie de parapsiquismo antropológico".⁴⁰

Já de Marx, Fromm procurou integrar à sua concepção o aspecto histórico-social. Rechaçou, desde o início, as concepções freudianas sobre as relações entre o homem e a sociedade. Considerou que Freud teve uma concepção ingênua do que ocorre na sociedade e atribuiu isso ao fato de que Freud estava tão imbuído do espírito cultural de seu tempo que não foi além dos limites impostos por ela. Por isso voltou-se para os aspectos sociológicos e históricos das formulações de Marx.

Para Fromm, a relação entre o homem e a sociedade não é estática. Diz que não tem de um lado o indivíduo dotado



naturalmente de determinados impulsos e de outro a sociedade, como algo separado dele, satisfazendo ou frustrando essas propensões inatas. Sustenta que certas necessidades são comuns a todos os homens como a fome, sede e satisfação sexual, mas, os impulsos que contribuem para estabelecer as diferenças de caráter entre os homens, como o amor, o ódio, a sede de poder e o anseio de submissão, resultam do processo social que forma o homem. E em contribuição a estas idéias diz textualmente:

"Em outras palavras, a sociedade não tem somente uma função supressora - conquanto também a tenha - mas igualmente uma função criadora. A natureza do homem, suas paixões e ansiedades são um produto cultural; de fato, o homem mesmo é a mais importante criação e realização da continuidade do esforço humano, a cujo registro damos o nome de história".⁴¹

Embora a concepção frommiana de homem tente reafirmar seu caráter histórico, está completamente distanciada da concepção marxista de homem pela própria interpretação que lhe deu Fromm. As necessidades existenciais de relação e transcendência criadora, por sua própria formulação, foram despidas de caráter histórico; as necessidades de arraigamento e identificação são novos nomes dados às necessidades psicológicas de segurança e auto-afirmação, tão prementes ao homem moderno. Mais problemática é a necessidade de "uma estrutura de orientação e um objeto de devoção" que apresenta rasgos de racionalismo e misticismo. Na perspectiva frommiana, todos os sistemas teísticos ou ateus têm, através da história, respondido a necessidade humana de encontrar sentido e significado para a existência

"É preciso assinalar que, evidentemente, a religião, as diferentes religiões, se oferecem como 'marcos de orientação e devoção', como sistemas referenciais a que os homens adô



rem e utilizam, com o objetivo de satisfazer sua necessidade básica de orientação, e certamente também suas necessidades de 'relação', 'transcendência', 'arraigamento' e 'identidade'. A religião aparece então, em consequência, como uma cosmovisão, como uma cosmoorientação e como uma cosmoreligação transcendente. Na perspectiva do pensamento de Erich Fromm, a religião aparece efetivamente como uma resposta à 'necessidade de orientação'.⁴²



NOTAS

- 1 FROMM, Erich. Ética e Psicanálise. p. 20.
- 2 Id., Ibid. p. 72
- 3 Id., Anatomia da Destrutividade Humana. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 296.
- 4 Id., O Coração do Homem. Rio de Janeiro, Zahar, 1965. p. 128.
- 5 Id., Ética e Psicanálise. p. 41.
- 6 Id., O Coração do Homem. p. 128-129.
- 7 Id., Ibid. p. 129.
- 8 Id., Ética e Psicanálise. p. 64.
- 9 Id., Anatomia da Destrutividade Humana. p. 306.
- 10 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea. p. 36.
- 11 Id., Anatomia da Destrutividade Humana. p. 306.
- 12 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea. p. 37.
- 13 Id., Ética e Psicanálise. p. 66.
- 14 Id., Ibid. p. 65.
- 15 O termo "existencial" empregado por Fromm nada tem a ver com o contexto da filosofia existencial (ou "existencialismo"). Trata-se para ele simplesmente de um adjetivo que se refere à existência do homem.



- 16 FROMM, Erich. O Coração do Homem. p. 130.
- 17 Id., Ética e Psicanálise. p. 69.
- 18 Id., O Coração do Homem. p. 130.
- 19 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea. p. 40.
- 20 Id., O Coração do Homem. p. 131-132.
- 21 Id., Ética e Psicanálise. p. 10.
- 22 Id., Ibid. p. 122.
- 23 Id., O Coração do Homem. p. 131.
- 24 Id., Ética e Psicanálise. p. 43.
- 25 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea. p. 40s.
- 26 Id., Ética e Psicanálise. p. 89.
- 27 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea. p. 44.
- 28 Id., Ibid. p. 43.
- 29 Id., Ética e Psicanálise. p. 139.
- 30 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea. p. 50-51.
- 31 Id., Ibid. p. 50.
- 32 Id., Ibid. p. 70.
- 33 Id., Ibid. p. 70.
- 34 Id., Ibid. p. 71.
- 35 Id., Ibid. p. 74.
- 36 Id., Ibid. p. 75.
- 37 Id., Ética e Psicanálise. p. 74.
- 38 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea. p. 27.
- 39 Id., Ibid. p. 27-28.
- 40 DÓBRINKOV, V.T. Op. Cit. p. 41.
- 41 FROMM, Erich. O Medo à Liberdade. p. 20.
- 42 BASADE, José. Op. Cit. 66-67.